



Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema – Aproximações entre ficção científica e marxismo

Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema



Gabriel Carneiro¹

¹Jornalista, cineasta, crítico e pesquisador de cinema, mestre em Múltiplos pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Sócio fundador da Abraccine – Associação Brasileira de Críticos de Cinema. E-mail: ghpcarneiro@gmail.com

Resumo: o texto aponta os principais aspectos e abordagens do livro de ensaios *Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema*, organizado por Alfredo Suppia e Ewa Mazierska, que busca relacionar filmes de ficção científica e a filosofia marxista.

Palavras-chave: ficção científica; marxismo; cinema de gênero.

Abstract: this text points out the main aspects and approaches of the essays book *Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema*, edited by Alfredo Suppia and Ewa Mazierska, which relates science fiction movies and the Marxist philosophy.

Keywords: science fiction; Marxism; genre cinema.

Em tempos de avanços de uma ideologia fascista no seio do capitalismo neoliberal financeiro, parece oportuno o lançamento, em 2016, pela Wayne State University Press, do compêndio de artigos em inglês *Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema*, organizado pelo brasileiro Alfredo Suppia e pela polonesa Ewa Mazierska. A proposta do livro é demonstrar como alguns filmes inscritos dentro do gênero narrativo ficção científica manifestam aspectos da filosofia econômica, social e política de Karl Marx e de pensadores que continuaram seu trabalho no último século e meio.

Suppia e Mazierska partem do princípio de que todo filme é político e, mais ainda, de que a ideia, um tanto preconceituosa, de que o cinema de gênero (mais especificamente, o de ficção científica) é desprovido de uma visão crítica e voltado para os problemas do mundo é falsa. Para tal, os editores buscam diferentes olhares para produções de diversas épocas e realidades, do mundo inteiro; várias até em coproduções internacionais, que, em si só, apontam para uma ideia de transnacional, segundo a introdução do livro (MARZIESKA; SUPPIA, 2016, p. 13-14), similar ao princípio marxista. Também na introdução, os organizadores fazem uma interessante leitura para aproximar os universos da ficção científica e do marxismo: ambos buscam, de forma científica, apontar cenários (utópicos e/ou distópicos) para o futuro, a partir das questões contemporâneas (MARZIESKA; SUPPIA, 2016, p. 3). Tais apontamentos, mesmo que não se desdobrem ao longo do livro, refletem os desejos de quase incorporar Marx dentro da literatura de ficção científica, que preconiza o futuro, analisa o presente e, muitas vezes, propõe soluções para um mundo que lhe pareça melhor.

A relação da ficção científica com o marxismo não é nova. Já em 1895, H. G. Wells se baseou nos pensamentos de Marx e Friedrich Engels para escrever *A máquina do tempo*. *Red alert* não parece buscar uma originalidade nesse cruzamento, e sim investigar as diferentes confluências de um pensamento de esquerda no cinema de ficção científica.

Além da introdução, *Red alert* conta com nove artigos. O que talvez seja mais interessante no livro é que ele contempla duas retóricas mestras do pensamento marxista. De um lado, nos três primeiros capítulos, acompanhamos a vertente utópica, em que o comunismo está ao alcance, o socialismo é (quase) presente e o radicalismo do empoderamento de classes menos favorecidas aponta uma esperança. Nos seis últimos, vemos filmes em que a hegemonia do capitalismo selvagem se desdobra na derrocada dos direitos humanos e sociais, num futuro pessimista sem escrúpulos. O recorte de Suppia e Mazierska não parece à toa. Com o avanço do capitalismo neoliberal e o fim do bloco soviético, nos anos 1990, parece não haver mais esperança no cinema de ficção científica, deduzimos. Os filmes utópicos

ficaram para trás, entre os anos 1950 e 1980, enquanto a desilusão com os rumos da humanidade domina as narrativas dos últimos 15-20 anos. A linha editorial é política, ideológica; dizem já na conclusão do capítulo introdutório: “queremos alertar os leitores sobre os perigos de aceitar as estruturas econômicas do capitalismo e suas formas de vivência, especialmente em sua versão extrema do neoliberalismo” (MARZIESKA; SUPPIA, 2016, p. 21).

O marxismo utópico

No primeiro artigo, “First contact or primal scene: Communism meets Real Socialism meets Capitalism in early Czechoslovak science fiction cinema”, Petra Hanáková analisa como dois filmes tchecos que apresentam viagem espacial, *Muz z prvního století* (1962), de Oldrich Lipský, e *Viagem ao fim do universo (Ikarie XB I)* (1963), de Jindrich Polák, idealizam o futuro do planeta, quando se haverá enfim alcançado o comunismo. Em ambos, realizados dentro dos esforços da propaganda soviética e da Cortina de Ferro, o comunismo deixa de ser utópico e se transforma em realidade.

O texto de Hanáková ganha um interessante contraponto em “Soviet and post-Soviet images of Capitalism: ideological fissures in Marek Piestrak’s Polish-Estonian coproductions”. No texto, Eva Näripea investiga três filmes do polonês Marek Piestrak feitos em coprodução com a Tallinnfilm, da Estônia: *Test pilota Pirxa* (1979), *A maldição do vale das serpentes (Klatwa doliny wezy)* (1987) e *Lza księcia ciemności* (1992). Interessam a Näripea justamente os paradoxos do socialismo soviético tardio. Piestrak, que é considerado um dos piores cineastas poloneses pela crítica local, devido à precariedade das produções, ganhou status de *cult* ao redor do mundo. Para a autora, isso reflete a ambiguidade dos seus filmes. Enquanto, na superfície, eles refletem os valores propagados pelo governo socialista, é possível depreender uma série de críticas a esse modelo, incluindo, por exemplo, a representação da mulher na sociedade – que, no discurso, prega igualdade, mas que, na prática, invisibiliza as mulheres tal como no modelo patriarcal capitalista.

No terceiro artigo, “Paying freedom dues: Marxism, Black Radicalism, and Blaxploitation science fiction”, Mark Bould localiza discursos anticoloniais e demonstra contradições nas relações de classe e raça em nove filmes *Blaxploitation* dos anos 1970 que tangenciam a ficção científica. Bould parte de apontamentos de Marx sobre a escravidão e dos escritos dos pensadores negros Frantz Fanon e Huey P. Newton para esboçar uma relação entre o pensamento marxista e os filmes em questão.

O capitalismo distópico

Nos seis capítulos seguintes, por mais que as bases teóricas sejam diferentes, a linha-mestra de análise parece ser a mesma: os filmes apontam que, se as relações econômicas e sociais continuarem como estão, o futuro do planeta será desprovido de empatia pelo próximo e será dominado pela lógica da acumulação de riquezas justamente para controle dos outros. Na maioria dos casos analisados, os filmes tomam perspectiva das classes trabalhadoras e retratam as classes dominantes de maneira estereotipada, de forma a induzir uma moral.

Nos textos de Sherryl Vint (“The biopolitics of globalization in Damir Lukacevic’s *Transfer*”, capítulo 4), Ewa Mazierska (“Representation of ‘Gaming Capitalism’ in *Avalon* and *Gamer*”, capítulo 7) e Alfredo Suppia (“Remote exploitations: Alex Rivera’s materialist SF in the age of Cognitive Capitalism”, capítulo 8) vemos como não é a força de trabalho, e sim o corpo que se transforma na principal matéria-prima do proletariado.

Isso é mais evidente no alemão *Transfer* (2010), de Damir Lukacevic. Em seu artigo, Sherryl Vint parte de pesquisas sociológicas recentes acerca do mercado negro de órgãos para desenvolver um raciocínio de cunho marxista sobre o futuro projetado em *Transfer*. No longa, pessoas pobres do hemisfério sul aceitam vender os direitos do uso de seus corpos a pessoas ricas do hemisfério norte para poderem sustentar a família. Vint ainda aponta que o filme é um dos poucos a humanizar ambos os lados: os exploradores e os explorados. O corpo como *commodity* também orienta o artigo de Suppia sobre o mexicano (em coprodução com os EUA) *Sleep dealer* (2008), de Alex Rivera. Suppia empresta os conceitos de “trabalho imaterial” e “capitalismo cognitivo” dos filósofos marxistas Antonio Negri e Michael Hardt (HARDT; NEGRI, 2000) para demonstrar as mudanças das relações trabalhistas em *Sleep dealer*, que mostra um México refém de corporações norte-americanas. A Ewa Mazierska interessa como o corpo físico se insere num mundo de realidades e jogos virtuais, tendo como base de estudo a coprodução Japão-Polônia *Avalon* (2001), de Mamoru Oshii, e o hollywoodiano *Gamer* (2009), de Mark Neveldine e Brian Taylor. Ela argumenta que tais filmes apontam as contradições do discurso neoliberal: enquanto empresários e governos promovem os jogos e o mundo virtual como benesses para todos, jogar não é necessariamente um ato voluntário, mas sim uma maneira sutil de coerção.

Ewa Mazierska e Alfredo Suppia (“Capitalism and wasted lives in *District 9* and *Elysium*”, capítulo 5), e Mariano Paz (“Rags and revolution: visions of the Lumpenproletariat in Latin American zombie films”, capítulo 9), por sua vez,

discutem os conceitos de lumpemproletariado e de desemprego estrutural nos filmes do sul-africano Neill Blomkamp e em filmes de zumbi latino-americanos. *Distrito 9* (*District 9*, 2009) e *Elysium* (2013), ambos de Blomkamp, oferecem, segundo Mazierska e Suppia, um diagnóstico marxista do capitalismo neoliberal, em que o sistema econômico gera um desemprego estrutural e um exército industrial de reserva e em que o estado é incapaz de manter os direitos humanos frente à exploração econômica, gerando, inclusive, uma massa de lumpemproletariado. Já para Paz, em filmes como o cubano *Juan dos mortos* (*Juan de los muertos*, 2011), de Alejandro Brugués, e a trilogia argentina *Plaga zombie* (1997, 2007 e 2012), de Pablo Parés e Hernán Sáez, os zumbis, ao contrário dos filmes hollywoodianos, representam os próprios lumpemproletariados, uma horda de vagabundos, pequenos criminosos, desempregados e renegados. Segundo o autor, a condição de lúmpen é uma consequência de uma sociedade pouco inclusiva. Para demonstrar tal, Paz se apoia no contexto histórico local em que os filmes foram produzidos e nos conceitos de “resíduos humanos”, de Zygmunt Bauman, para *Plaga zombie*, e de “multitude”, de Antonio Negri e Michael Hardt (HARDT; NEGRI, 2006), para *Juan dos mortos*.

Mais deslocado dos demais artigos, o capítulo 6, “Marxism vs. Postmodernism: the case of *The Matrix*”, de Tony Burns, busca comprovar que a leitura marxista é muito mais interessante para compreender o hollywoodiano *Matrix* (1999), dos irmãos Wachowski, do que a pós-modernista, a qual geralmente é associado. Burns, assim, à medida que desconstrói os argumentos pós-modernistas, amparados por Jean Baudrillard, em seis questões, encontra saídas marxistas para os mesmos problemas.

Cinema e história

Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema, assim, insere-se numa linha que busca pensar o cinema de gênero e a ficção científica como investigação histórica. Independentemente da intenção dos criadores, os filmes transbordam uma série de nuances que podem prover conteúdo para a análise de determinado contexto histórico. Os filmes de ficção científica, por conta de seu caráter urgente e atual – geralmente encobertos por uma camada metafórica da ordem do fantástico –, servem como retrato da época em que a obra foi realizada.

Conforme aponta Marc Ferro, os filmes “não constituem somente um testemunho sobre o imaginário da época em que foram feitos; eles comportam elementos que têm um maior alcance, trazendo até nós a imagem real do passado” (FERRO, 2010, p. 60).

Os ensaios de *Red alert* são todos guiados por uma ideia de materialismo histórico – em que a sociedade é orientada pelas atividades econômicas – e buscam diagnosticar como os filmes analisados, que exageram aspectos da contemporaneidade, refletem a própria realidade local. Ainda que desiguais em termos de profundidade e de sucesso em relação à proposta (os textos de Burns e de Bould parecem especialmente deslocados do conjunto), *Red alert* avança na compreensão do cinema de ficção científica.

Há de se destacar que *Red alert* faz parte do esforço do pesquisador e professor Alfredo Suppia, da Unicamp, em dar visibilidade aos estudos de gêneros narrativos, em especial ao cinema de ficção científica, após livros como *A metrópole replicante: construindo um diálogo entre Metrópolis e Blade runner*, lançado pela UFJF, em 2011, fruto de sua pesquisa de mestrado, *Atmosfera rarefeita: a ficção científica no cinema brasileiro*, publicado pela Devir, em 2013, oriundo de seu doutorado, e *Gêneros cinematográficos e audiovisuais: perspectivas contemporâneas*, lançado pela Margem da Palavra, em 2016, que organizou, entre outros. Espera-se, agora, que os leitores brasileiros também possam desfrutar desse recente trabalho.

Referências

FERRO, M. *Cinema e história*. 2. ed. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

HARDT, M; NEGRI, A. *Empire*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

HARDT, M; NEGRI, A. *Multitude*. London: Penguin, 2006.

MARZIESKA, E; SUPPIA, A. *Red alert: Marxist approaches to science fiction cinema*. Detroit: Wayne State University Press, 2016.

submetido em: 8 set. 2017 | aprovado em: 2 out. 2017